



**IPG** Politécnico  
|da|Guarda  
Escola Superior  
de Educação,  
Comunicação e Desporto

# RELATÓRIO DE ESTÁGIO

Curso de Especialização Tecnológica  
em Acompanhamento de Crianças e Jovens

Vanessa Monteiro Vieira

agosto | 2013





**Escola Superior de Educação, Comunicação e Desporto  
Instituto Politécnico da Guarda**

**RELATÓRIO PARA A OBTENÇÃO DO DIPLOMA DE  
ESPECIALIZAÇÃO TECNOLÓGICA (CET)  
ACOMPANHAMENTO DE CRIANÇAS E JOVENS**

**VANESSA MONTEIRO VIEIRA**

**AGOSTO / 2013**



**INSTITUTO POLITÉCNICO DA GUARDA  
ESCOLA SUPERIOR DE EDUCAÇÃO,  
COMUNICAÇÃO E DESPORTO**

# **RELATÓRIO DE ESTÁGIO**

**VANESSA MONTEIRO VIEIRA**

**RELATÓRIO PARA A OBTENÇÃO DO DIPLOMA DE  
ESPECIALIZAÇÃO TECNOLÓGICA (CET)  
ACOMPANHAMENTO DE CRIANÇAS E JOVENS**

**AGOSTO / 2013**



## **FICHA DE IDENTIFICAÇÃO**

**Nome da Estudante:** Vanessa Monteiro Vieira

**Nome da Organização:** Eurolândia Park

**Localização:** IC2, Km 105, Pedreiras - 2480-109 PORTO DE MÓS

**Data de Início:** 16 de Março de 2013

**Data Final do Estágio:** 28 de Agosto de 2013

**Supervisor:** João Oliveira

**Grau Académico:** Licenciatura

**Orientadora na ESECD-IPG:** Prof. Fátima Bento



## AGRADECIMENTOS

Quero em primeiro lugar, agradecer à empresa Eurolândia Park, na pessoa do Dr. João Oliveira, por ter proporcionado a realização do meu estágio e sobretudo por todo o apoio e compreensão que me dispensaram. Em especial ao Supervisor, pela atenção, compreensão, incentivo e transmissão de conhecimentos que teve comigo durante todo o estágio. Sem esquecer as minhas Colegas de trabalho, que foram muito simpáticas, carinhosas e prestaram uma grande colaboração desde o primeiro dia do estágio.

Além destas pessoas, quero também agradecer ao IPG, sobretudo pela oportunidade que me deram em realizar este CET, e principalmente, à Orientadora Fátima Bento, pela sua disponibilidade, apoio e dedicação.

Por último, quero agradecer às pessoas mais importantes na minha vida, os meus pais, pela paciência, carinho e apoio que sempre me deram ao longo de todo o percurso.



## RESUMO

Ao longo dos seis meses de estágio (400h), iniciei uma nova fase do meu percurso académico, em que tive oportunidade de estagiar num Parque de Diversões, mais concretamente, na Eurolândia Park, em Porto de Mós. O processo de estágio e o respetivo plano foi concebido em conjunto com a Orientadora e o Supervisor.

Assim, os objetivos foram enquadrados no trabalho desenvolvido na Eurolândia Park, onde se realizam atividades de caráter lúdico, educacional e ocupacional, permitindo espaços de convívio, diversão e aprendizagem. Contempla ainda um projeto concebido para desenvolver ao longo do estágio: Segurança Rodoviária. Este projeto, incluía um filme, regras, sinais, percurso e carta de condução. Além disso, um outro projeto na área da Expressão Plástica, implementando novas atividades e criando fichas de trabalho apropriadas para o efeito.

Desta forma, os objetivos do estágio foram englobados nas atividades desenvolvidas pela entidade acolhedora, além da conceção, definição de objetivos e desenvolvimento dos referidos projetos, com a ajuda e participação do Supervisor e das Colegas que trabalham na Eurolândia Park.

Todas as realizações diárias ao longo do estágio foram importantes para a avaliação final e para a minha autocrítica enquanto estagiária em processo de crescimento pessoal e profissional, bem como de todas as pessoas que diretamente estiveram ligadas ao período de estágio, desde a criação dos projetos até à fase de avaliação e construção deste relatório de estágio.

**Palavras-chave:** Crianças, Atividades lúdico-educativas, Ocupacionais, Segurança Rodoviária, Expressão Plástica.



## ÍNDICE

<b>INTRODUÇÃO</b> .....	1
<b>1 – CARATERIZAÇÃO DA ENTIDADE RECETORA</b> .....	2
1.1 MISSÃO DA ORGANIZAÇÃO .....	2
1.2 VISÃO DA ORGANIZAÇÃO .....	2
1.3 VALORES DA ORGANIZAÇÃO .....	3
1.4 ESTRATÉGIA DA ORGANIZAÇÃO .....	3
1.5 MOMENTOS DA HISTÓRIA DA ORGANIZAÇÃO .....	3
1.6 RECURSOS HUMANOS .....	3
1.7 PÚBLICO ALVO .....	3
1.8 OBJETIVOS GERAIS .....	3
1.9 OBJETIVOS ESPECÍFICOS .....	3
1.10 ESTRUTURA – ORGANOGRAMA .....	4
<b>2 - REVISÃO DA LITERATURA E MATÉRIA ABORDADA EM SALA DE AULA</b> .....	4
2.1 A INFÂNCIA COMO CONSTRUÇÃO SOCIAL .....	4
2.2 CONCEÇÕES DE INFÂNCIA .....	5
2.3 EVOLUÇÃO HISTÓRICA – DIREITOS DAS CRIANÇAS .....	9
<b>3 – DESCRIÇÃO DAS ATIVIDADES LÚDICO-EDUCATIVAS E DE DIVERSÃO PARA CRIANÇAS E JOVENS REALIZADAS NA EUROLÂNDIA PARK</b> .....	12
<b>4 – CONCEÇÃO, OBJETIVOS E DESENVOLVIMENTO DO PROJETO SOBRE SEGURANÇA RODOVIÁRIA</b> .....	16
4.1 CONCEÇÃO DO PROJETO .....	16
4.2 AUTORIDADE NACIONAL SEGURANÇA RODOVIÁRIA .....	18
4.3 OBJETIVOS DO PROJETO .....	19
4.4 DESENVOLVIMENTO DOS PROJETOS .....	20
4.5 RESULTADOS DOS PROJETOS .....	26
4.6 ANÁLISE CRÍTICA .....	26
<b>CONCLUSÃO</b> .....	28
<b>BIBLIOGRAFIA</b> .....	30
<b>ANEXO</b>	



## ÍNDICE DE FIGURAS

Fig. Nº 1 Festas e atividades lúdico – educativas.....	12
Fig. Nº 2 Milhares de bolas dos mais diversos tamanhos.....	13
Fig. Nº 3 Diferentes tipos de escorregas.....	13
Fig. Nº 4 Passagens largas e estreitas.....	14
Fig. Nº 5 Comboio mágico.....	14
Fig. Nº 6 Jogos interativos.....	14
Fig. Nº 7 Insufláveis.....	15
Fig. Nº 8 Bowling.....	15
Fig. Nº 9 Capa do filme.....	19
Fig. Nº 10 Sinal de Aproximação de uma rotunda.....	20
Fig. Nº 11 Curva Perigosa à Direita.....	20
Fig. Nº 12 Sinal de Rotunda.....	20
Fig. Nº 13 Sinal de STOP.....	21
Fig. Nº 14 Sinal de STOP.....	21
Fig. Nº 15 Sentido Proibido.....	21
Fig. Nº 16 Curva Perigosa à Esquerda.....	22
Fig. Nº 17 Sentido Obrigatório.....	22
Fig. Nº 18 Sentido Obrigatório.....	22
Fig. Nº 19 Carta de Condução.....	23





## **INTRODUÇÃO**

Este relatório é uma exposição da avaliação do trabalho desenvolvido ao longo do estágio e que procura refletir o trabalho de pesquisa, planeamento e execução e avaliação que foi feito durante o período do estágio.

A entidade recetora do estágio, a Eurolândia Park, tem como público-alvo crianças e jovens e desenvolve atividades de caráter lúdico-educativas, ocupacionais e de diversão.

Assim, além da participação nas referidas atividades, tivemos como objetivo a implementação de novos projetos em torno da Segurança Rodoviária, que pudesse sensibilizar as crianças para a importância desta temática ao longo da sua vida. E na área da Expressão Plástica, procurando fomentar a criatividade e desenvolver capacidades.

O espaço da Eurolândia Park, tem diversos equipamentos, como centenas de bolas dos mais diversos tamanhos, diferentes tipos de escorregas, passagens largas e estreitas, piscinas de bolas, labirintos de brincadeiras, carrinhos, cavalos, campo de futebol, comboio mágico, insufláveis, bowling e jogos interativos, além de espaços e momentos de socialização.

Ao longo dos seis meses de estágio, como já referi, tive oportunidade de desenvolver no parque um novo projeto que motivasse e sensibilizasse as crianças para a importância da Segurança Rodoviária. A partir desse tema, em conjunto com o Supervisor, pesquisámos, planeamos e executámos um projeto o mais adequado possível ao público-alvo, ou seja, às crianças dos seis aos doze anos. O projeto foi pensado e realizado através de uma componente teórica e outra prática. Foi concebido um filme, um percurso, fichas e atribuição de cartas de condução simuladas como prémio para as melhores participações. Além deste projeto, implementamos outro na área da Expressão Plástica, desenvolvendo novas atividades e criando fichas de trabalho apropriadas para as



crianças dos 2 aos 12 anos. Esta era uma área pouco trabalhada e desenvolvida que procuramos fomentar ao longo do estágio.

Este relatório final estrutura-se em quatro pontos e uma conclusão: Caracterização da entidade recetora; Revisão da Literatura e matéria abordada em contexto de sala de aula; Descrição das atividades lúdico-educativas e de diversão para crianças e jovens realizadas na Eurolândia Park; Conceção, objetivos e desenvolvimento do projeto sobre Segurança Rodoviária e, por fim, a Conclusão.

## **1 – CARATERIZAÇÃO DA ENTIDADE RECETORA**

A Eurolândia Park é um espaço de diversão para crianças no piso inferior do **Atlantic Retail Park de Porto de Mós**. Um mundo de brincadeira muito divertida com cerca de 1500 metros quadrados cobertos com os mais diversos equipamentos de diversão infantil.

Milhares de bolas dos mais diversos tamanhos, diferentes tipos de escorregas, passagens largas e estreitas, piscinas de bolas, labirintos de brincadeiras, carrinhos, cavalos, campo de futebol, comboio mágico, insufláveis, bowling, Hoquei-Ar, jogos interactivos e não só, brinquedos e brincadeiras que nunca acabam!

Para entrar e poderem participar nas atividades em segurança no parque, é obrigatório o uso de meias. E, enquanto as crianças participam, os pais podem acompanhar as atividades, sentarem-se e relaxar, beber um café, ler, jogar, ou ainda aproveitarem para visitar as diferentes lojas do Retail ParK: Deborla, OfficePak, Rádio Popular e bar.

**Localização:** IC2, Km 105, Pedreiras - 2480-109 PORTO DE MÓS

### **1.1 MISSÃO DA ORGANIZAÇÃO**

**Missão:** Promover a diversão infantil, educacional e feliz das crianças, proporcionando momentos de tranquilidade aos pais.

### **1.2 VISÃO DA ORGANIZAÇÃO**

**Visão:** Ser uma referência na diversão infantil, educacional, saudável e segura.



### **1.3 VALORES DA ORGANIZAÇÃO**

**Valores:** Segurança, Qualidade, Excelência, Satisfação das crianças e dos pais.

### **1.4 ESTRATÉGIA DA ORGANIZAÇÃO**

**Estratégia da Organização:** Desenvolver um mundo de brincadeira, através de metodologias apropriadas aos diversos escalões etários, contribuindo para o crescimento saudável e feliz das crianças.

Num espaço com cerca de 1500 metros quadrados cobertos, com os mais diversos equipamentos de diversão infantil e uma equipa de orientação pedagógica devidamente preparada para enquadrar, desenvolver e executar programas lúdicos e educativos que permitam às crianças crescerem de forma equilibrada e saudável.

Desta forma, podemos sintetizar a estratégia da organização em cinco palavras:

**Crescer, segurança, divertir, aprender, brincando.**

### **1.5 MOMENTOS DA HISTÓRIA DA ORGANIZAÇÃO**

**Momentos da História da Organização:** Inauguração em 18 julho de 2001 – No ano 2003, atinge o nível mais elevado de popularidade e reconhecimento público. Em 2007/08, fruto de diversas vicissitudes protagonizadas pela gerência anterior, surge em 1 Novembro de 2008, uma nova gerência – Corre & Brinca, Unipessoal Lda.

### **1.6 RECURSOS HUMANOS**

**Recursos humanos:** Coordenador Geral - tempo inteiro - 6 colaboradores - trabalho parcial.

### **1.7 PÚBLICO ALVO**

**Público Alvo:** Famílias, escolas e instituições com crianças e jovens dos 2 aos 12 anos.

### **1.8 OBJETIVOS GERAIS**

**Objetivos gerais:** Ser o melhor parque de diversão infantil da região centro. Ser economicamente viável. Assegurar a fidelidade do cliente.

### **1.9 OBJETIVOS ESPECÍFICOS**

**Objectivos específicos:** Aumentar a diversidade de equipamentos de diversão. Desenvolver a rotatividade sazonal de equipamentos. Aumentar o número de visitas dos



clientes. Alcançar rentabilidade que permita o crescimento e novos investimentos. Adequar os serviços às necessidades dos clientes.

### **1.10 ESTRUTURA – ORGANOGRAMA**



## **2 - REVISÃO DA LITERATURA**

### **2.1 A INFÂNCIA COMO CONSTRUÇÃO SOCIAL**

De acordo com toda a biografia facultada em contexto de sala de aula e através das pesquisas efectuadas, podemos afirmar que é preciso compreender a infância como uma construção histórica e social, sendo portanto impróprio ou inadequado supor a existência de uma população infantil homogénea, pois o processo histórico faz perceber diferentes populações infantis com processos diferentes de socialização e com isto serão muitas definições que poderemos encontrar para a infância.

A infância é considerada como o suporte universal da acção e da produção pedagógica que proclamará um conceito moderno de infância, contraditoriamente abstrairá as características históricas do desenvolvimento humano. Ser criança e viver como criança varia consoante as culturas e os grupos sociais em relação com a ideia de criança que se faz cada cultura e as condições socioeconómicas do grupo a que pertence. É possível pensar a infância como uma construção social que a distingue das outras categorias sociais.



O tratamento dado a uma criança decorre dessa construção social que se organiza, num determinado momento da história, a ideia de criança e o seu lugar na organização social.

Desta forma, o percurso que tem sido feito para proteger as crianças em contextos sociais e familiares nos quais as crenças culturais, as condições sociais e económicas, as práticas educativas ou a perturbação mental dos pais, sustentam uma forma de tratamento que as impede de se desenvolverem de forma harmoniosa, de acordo com o conceito de criança que temos hoje.

Podemos ainda referir, segundo alguns autores, que a educação infantil sofreu grandes transformações nos últimos tempos. O processo de aquisição de uma nova identidade para as instituições que trabalham com crianças foi longo e difícil. Durante esse processo, surge uma nova concepção de criança, totalmente diferente da visão tradicional. Se por séculos a criança era vista como um ser sem importância, quase invisível, hoje ela é considerada em todas as suas especificidades, com identidade pessoal e histórica.

Essas mudanças revestiram-se de novas exigências sociais e económicas, conferindo à criança um papel de investimento futuro, esta passou a ser valorizada, portanto o seu atendimento teve que acompanhar os rumos da história. Sendo assim, a Educação Infantil de uma perspectiva assistencialista transforma-se em uma proposta pedagógica aliada ao cuidar, procurando atender a criança de forma integral, onde as suas especificidades (psicológica, emocional, cognitiva, física, etc...) devem ser respeitadas.

## **2.2 CONCEÇÕES DE INFÂNCIA**

A conceção de infância dos dias atuais é bem diferente de alguns séculos atrás. É importante salientar que a visão que se tem da criança é algo historicamente construído, por isso é que se pode perceber os grandes contrastes em relação ao sentimento de infância no decorrer dos tempos. O que hoje pode parecer uma aberração, como a indiferença destinada à criança pequena, há séculos atrás era algo absolutamente



normal. Por maior estranheza que se cause, a humanidade nem sempre viu a criança como um ser em particular, e por muito tempo a tratou como um adulto em miniatura.

De um ser sem importância, quase impercetível, a criança num processo secular ocupa um maior destaque na sociedade, e a humanidade lhe lança um novo olhar. Para entender melhor essa questão é preciso fazer um levantamento histórico sobre o sentimento de infância, procurar defini-lo, registrar o seu surgimento e a sua evolução. Segundo Áries, “o sentimento de infância não significa o mesmo que afeição pelas crianças, corresponde à consciência da particularidade infantil, essa particularidade que distingue essencialmente a criança do adulto, mesmo jovem (Áries, 1978: 99). Nessa perspectiva o sentimento de infância é algo que caracteriza a criança, a sua essência enquanto ser, o seu modo de agir e pensar, que se diferencia da do adulto, e portanto merece um olhar mais específico.

Na Idade Média não havia clareza em relação ao período que caracterizava a infância, muitos se baseavam pela questão física e determinava a infância como o período que vai do nascimento dos dentes até os sete anos de idade, como mostra a citação da descrição feita por Le Grand Propriétaire (Ariès, 1978: 6): “A primeira idade é a infância que planta os dentes, e essa idade começa quando a criança nasce e dura até os sete anos, e nessa idade aquilo que nasce é chamado de enfante (criança), que quer dizer não-falante, pois nessa idade a pessoa não pode falar bem nem tomar perfeitamente as palavras, pois ainda não tem seus dentes bem ordenados nem firmes...”.

Até o século XVII a sociedade não dava muita atenção às crianças. Devido às más condições sanitárias, a mortalidade infantil alcançava níveis alarmantes, por isso a criança era vista como um ser ao qual não se podia apegar, pois a qualquer momento ela poderia deixar de existir. Muitas não conseguiam ultrapassar a primeira infância. O índice de natalidade também era alto, o que ocasionava uma espécie de substituição das crianças mortas. A perda era vista como algo natural e que não merecia ser lamentada por muito tempo, como pode ser constatado no comentário de Áries “...as pessoas não podiam se apegar muito a algo que era considerado uma perda eventual...” (1978 : 22 ).



Na Idade Média a criança era vista como um ser em miniatura, assim que pudesse realizar algumas tarefas, esta era inserida no mundo adulto, sem nenhuma preocupação em relação à sua formação enquanto um ser específico, sendo exposta a todo tipo de experiência. Segundo Áries, até o século XVII, a socialização da criança e a transmissão de valores e de conhecimentos não eram assegurados pelas famílias. A criança era afastada cedo de seus pais e passava a conviver com outros adultos, ajudando-os nas suas tarefas. A partir daí, não se distinguia mais desses. Nesse contacto, a criança passava dessa fase directo para a vida adulta (Áries, 1978).

A duração da infância não era bem definida e o termo “infância” era empregado indiscriminadamente, sendo utilizado, inclusive, para se referir a jovens com dezoito anos ou mais de idade (Áries, 1989). Dessa forma, a infância tinha uma longa duração, e a criança acabava por assumir funções de responsabilidade, queimando etapas do seu desenvolvimento. Até a sua vestimenta era a cópia fiel da de um adulto. Essa situação começa a mudar, caracterizando um marco importante no despertar do sentimento de infância. No século XVII, entretanto, a criança, ou ao menos a criança de boa família, quer fosse nobre ou burguesa, não era mais vestida como os adultos. Ela agora tinha um traje reservado à sua idade, que a distinguia dos adultos. Esse fato essencial aparece logo ao primeiro olhar lançado às numerosas representações de criança do início do século XVII (Áries, 1978: 33).

As grandes transformações sociais ocorridas no século XVII contribuíram decisivamente para a construção de um sentimento de infância. As mais importantes foram as reformas religiosas católicas e protestantes, que trouxeram um novo olhar sobre a criança e a sua aprendizagem. Outro aspecto importante é a afectividade, que ganhou mais importância no seio na família. Essa afectividade era demonstrada, principalmente, por meio da valorização que a educação passou a ter. A aprendizagem das crianças, que antes se dava na convivência das crianças com os adultos nas suas tarefas cotidianas, passou a dar-se na escola. O trabalho com fins educativos foi substituído pela escola, que passou a ser responsável pelo processo de formação. As



crianças foram então separadas dos adultos e mantidas em escolas até estarem “prontas” para a vida em sociedade (Áries, 1978).

Surge uma preocupação com a formação moral da criança e a igreja encarrega-se em direcionar a aprendizagem, visando corrigir os desvios da criança, acreditava-se que ela era fruto do pecado, e deveria ser guiada para o caminho do bem. Entre os moralistas e os educadores do século XVII, formou-se o sentimento de infância que viria inspirar toda a educação do século XX (Áries, 1989). Daí vem a explicação dos tipos de atendimento destinados às crianças, de carácter repressor e compensatório. De um lado a criança é vista como um ser inocente que precisa de cuidados, do outro como um ser fruto do pecado. Nesse momento, o sentimento de infância corresponde a duas atitudes contraditórias: uma considera a criança ingénua, inocente e graciosa e é traduzida pela paparicação dos adultos, e a outra surge simultaneamente à primeira, mas se contrapõe a ela, tornando a criança um ser imperfeito e incompleto, que necessita da “moralização” e da educação feita pelo adulto (Kramer, 2003:18).

Esses dois sentimentos são originados por uma nova postura da família em relação à criança, que passa a assumir mais efetivamente a sua função, a família começa a perceber a criança como um investimento futuro, que precisa ser preservado, e portanto deve ser afastada de maus tratos físicos e morais. Para Kramer (2003: 18) “não é a família que é nova, mas, sim o sentimento de família que surge nos séculos XVI e XVII, inseparável do sentimento de infância.”

Podemos ainda referir algumas concepções de infância, Moralista, Patológica, Psicopedagógica, moderna e as imagens românticas de criança.” “Criança gozo”. Criança fragilidade”- “Criança-aluna”. “ Criança-mimo”. Como uma criança necessita de atenção, caminho, cortesia no trato por parte de quem quer que seja e especialmente respeito. Estas concepções da infância que residem em contextos sociais e históricos, e acompanharam a evolução da civilização.





## 2.3 EVOLUÇÃO HISTÓRICA – DIREITOS DAS CRIANÇAS

### EVOLUÇÃO HISTÓRICA

Conforme podemos estudar em contexto de sala de aula, através da informação facultada, constatamos que no Séc. XVI iniciaram-se as mudanças mais significativas, que viriam a alterar a posição e estatuto das crianças relativamente aos adultos.

Durante os últimos 200 anos as crianças passaram de um estatuto pessoal e social enquanto indivíduos com direitos, sendo encaradas essencialmente enquanto **propriedade dos pais**, para um estatuto pessoal parcial com alguns direitos de autodeterminação associados a crescentes direitos de provisão e proteção.

No Séc. XIX - Separação das crianças relativamente aos adultos.

No início do século XX acentua-se a ideia de considerar uma ligação estreita entre o investimento social na infância com a qualidade da sociedade futura.

As preocupações com a explicitação e sistematização dos direitos da criança **aparecem com mais relevância depois da IIª Guerra Mundial**, resultando como resposta, uma vez mais, às graves condições de carência e pobreza em que a Europa se encontrava.

Em 1946, é fundado um organismo que irá ter um papel fundamental na defesa dos direitos da criança – foi o denominado **Fundo das Nações Unidas para a Infância**, ou **UNICEF** – criado com o objetivo fundamental de tentar melhorar a vida das crianças e agir no sentido de lhes providenciar serviços de saúde, educação, nutrição e bem-estar.

### DIREITOS DAS CRIANÇAS

É, portanto, despropositado considerar que as crianças foram reconhecidas como sujeitos de direitos, uma vez que, em muitos períodos da história, e mesmo da história recente, elas foram desconsideradas enquanto seres humanos.

O conceito de direitos era, então, um conceito atribuído, exclusivamente, a indivíduos capazes de um pensamento racional (os homens), sendo negado a todos os outros grupos que se considerava serem mais guiados pela emoção do que pela razão (grupo das mulheres e das crianças, por exemplo) e, por isso, mesmo incapazes de assumir o exercício de direitos.



As preocupações com a explicitação e sistematização dos direitos da criança aparecem com mais relevância depois da IIª Guerra Mundial, resultando como resposta, uma vez mais, às graves condições de carência e pobreza em que a Europa se encontrava. Em 1946, é fundado um organismo que irá ter um papel fundamental na defesa dos direitos da criança – foi o denominado **Fundo das Nações Unidas para a Infância**, ou **UNICEF** – criado com o objetivo fundamental de tentar melhorar a vida das crianças e agir no sentido de lhes providenciar serviços de saúde, educação, nutrição e bem-estar. Um dos contributos mais significativos da Declaração de 1959 foi a construção da ideia da criança como sujeito do direito internacional e como sujeito de direitos civis, uma vez que é através deste documento, que, pela primeira vez, é afirmado que as crianças têm direito a um nome, a uma nacionalidade (princípio 3). Em 1979, no Ano Internacional da Criança, o governo Polaco propôs uma Convenção dos Direitos da Criança, que viria a consubstanciar-se somente em finais de 1989, e cujo lema principal foi o *melhor interesse da criança*.

Portugal é um dos países europeus que mais tardiamente conseguiu desenvolver respostas efetivas em termos de educação e saúde das crianças, tendo feito um percurso lento, quer na diminuição da taxa de mortalidade infantil, quer na organização de respostas sócio-educativas para as crianças até aos 6 anos de idade.

O facto de as crianças portuguesas terem uma presença cada vez mais significativa na frequência do jardim-de-infância, vem alterar os tradicionais padrões culturais e sociais relativos à forma como eram organizados os seus primeiros anos de vida, passados essencialmente dentro do contexto familiar.

As faces das situações de menores em risco caracterizaram-se, inicialmente, por situações de mendicidade e vadiagem e, a partir da década de oitenta acentuando-se ainda mais na década de 90, por situações de maus-tratos e abandono.

Os contornos mais atuais da situação social das crianças em situação de risco são-nos proporcionados pelos seguintes indicadores: caracterização das situações de perigo para as crianças; caracterização das respostas dadas a tais situações e ainda o número de crianças que vivem institucionalizadas.



Como podemos verificar, a DECLARAÇÃO UNIVERSAL DOS DIREITOS DAS CRIANÇAS – UNICEF, adotada pela Assembleia Geral nas Nações Unidas em 20 de Novembro de 1989 e ratificada por Portugal em 21 de Setembro de 1990, foi um passo fundamental na evolução dos direitos das crianças. Desta forma, referimos aqui os dez princípios da DUDC:

- Princípio I - DIREITO À IGUALDADE, SEM DISTINÇÃO DE RAÇA RELIGIÃO OU NACIONALIDADE;
- Princípio II - DIREITO À ESPECIAL PROTEÇÃO PARA O SEU DESENVOLVIMENTO FÍSICO, MENTAL E SOCIAL;
- Princípio III - DIREITO A UM NOME E A UMA NACIONALIDADE;
- Princípio IV - DIREITO À ALIMENTAÇÃO, MORADIA E ASSISTÊNCIA MÉDICA ADEQUADAS PARA A CRIANÇA E A MÃE;
- Princípio V - DIREITO À EDUCAÇÃO E A CUIDADOS ESPECIAIS PARA A CRIANÇA FÍSICA OU MENTALMENTE DEFICIENTE;
- Princípio VI - DIREITO AO AMOR E À COMPREENSÃO POR PARTE DOS PAIS E DA SOCIEDADE;
- Princípio VII - DIREITO À EDUCAÇÃO GRATUITA E AO LAZER INFANTIL;
- Princípio VIII - DIREITO A SER SOCORRIDO EM PRIMEIRO LUGAR, EM CASO DE CATÁSTROFES;
- Princípio IX - DIREITO A SER PROTEGIDO CONTRA O ABANDONO E A EXPLORAÇÃO NO TRABALHO;
- Princípio X - DIREITO A CRESCER DENTRO DE UM ESPÍRITO DE SOLIDARIEDADE, COMPREENSÃO, AMIZADE E JUSTIÇA ENTRE OS POVOS;

Por fim, em termos internacionais devemos referir como configuradoras de uma infância global no plano normativo: UNICEF, OIT e OMS.

### 3 – DESCRIÇÃO DAS ATIVIDADES LÚDICO-EDUCATIVAS E DE DIVERSÃO PARA CRIANÇAS E JOVENS REALIZADAS NA EUROLÂNDIA PARK

Para a realização das diversas actividades, os recursos humanos atrás referidos, coordenados por um Coordenador Geral e responsável pedagógico, realizam vários tipos de actividades lúdico-educativas e ocupacionais (figura 1). Ao longo do estágio, e com a colaboração do meu Supervisor e das minhas Colegas, participei de forma ativa no seu desenvolvimento. Numa fase inicial, procurando apreender os métodos de trabalho já instituídos e numa segunda fase já com autonomia e iniciativa no sentido de implementar novas actividades e um novo projeto. Para a realização das várias actividades a Organização dispõem de diverso equipamento.

**Fig. Nº 1 Festas e actividades lúdico – educativas dia**



Fonte: Eurolândia

Uma das actividades que a Eurolândia propõe é a hora do lanche, em que as crianças depois de três horas de actividades podem descansar e conversar, promovendo a sua socialização com os amigos numa tenda, devidamente acompanhados pelas Colaboradoras da entidade. O lanche tem sempre três opções de escolha:

**No menu A**, existe bolo de aniversário, bebidas, sandes, batatas fritas, chocolate e sobremesas;

**No menu B**, existe bolo de aniversário, bebidas, tosta mista, batatas fritas, chocolate, sobremesas e saquinho- surpresa;

No **menu C**, existe bolo de aniversário, bebidas, pizzas, batatas fritas, chocolate e sobremesas;

**Fig. Nº 2 Milhares de bolas dos mais diversos tamanhos**



Fonte: Eurolândia

Uma das atividades que a Eurolândia Park disponibiliza, é uma piscina enorme, cheia de bolas (figura 2), em que as crianças podem brincar e usufruir, sempre em segurança e com regras. Para além do espaço da piscina, existe também um espaço em que as crianças podem divertir-se com bolas dos mais diversos tamanhos.

**Fig. Nº 3 Diferentes tipos de escorregas**



Fonte: Eurolândia

No parque também existem diferentes tipos de escorregas de várias formas e tamanhos (figura 3), em que as crianças podem escorregar em segurança, com regras e acompanhamento.

**Fig. Nº 4 Passagens largas e estreitas**



Fonte: Eurolândia

Outras atividades do Parque é a pista de carros (figura 4), em que as crianças podem aprender a conduzir e imaginar que estão a circular na estrada, procurando respeitar as regras e sinais de trânsito. Também podem usufruir do espaço reservado à pista de carros, convertendo o espaço para a prática desportiva.

**Fig. Nº 5 Comboio mágico**



Fonte: Eurolândia

Outra atividade do Park que a Eurolândia oferece às crianças, é a possibilidade de viajarem no comboio mágico, em que as crianças podem usufruir e divertirem-se, circulando em segurança. O comboio (figura 5) é um espaço de grande motivação e interesse das crianças.

**Fig. Nº 6 Jogos interativos**



Fonte: Eurolândia

Outra das actividades disponibilizadas às crianças, são os jogos interactivos (figura 6) sem comando. Os jogos interativos, além de proporcionarem momentos de diversão, permitem a realização de actividades lúdicas e de expressão motora.

**Fig. Nº 7 Insufláveis**



Fonte: Eurolândia

O insuflável (figura 7) constitui mais uma atividade que as crianças gostam muito, porque permite saltar e jogarem à apanhada, entre outro tipo de diversão.

**Fig. N° 8 Bowling**



Fonte: Eurolândia

O Bowling (figura 8) é mais um dos muitos jogos que as crianças podem usufruir na Eurolândia Park, promovendo atividades de expressão motora e a socialização das crianças.

Para poderem participar nas atividades em segurança no parque, é obrigatório o uso de meias. E, enquanto as crianças participam, os pais podem acompanhar as atividades, sentarem-se e relaxar, beber um café, ler, jogar, ou ainda aproveitarem para visitar as diferentes lojas do Retail ParK: Deborla, OfficePak, Rádio Popular e bar.

## **4 - CONCEÇÃO, OBJETIVOS E DESENVOLVIMENTO DO PROJETO SOBRE SEGURANÇA RODOVIÁRIA**

### **4.1 CONCEÇÃO DO PROJETO**

Segundo o Código da Estrada, no seu Preâmbulo, a segurança rodoviária é hoje uma preocupação não só em Portugal, como em toda a Europa e no mundo. Um relatório recentemente publicado pela Organização Mundial de Saúde anunciava que em todo o





mundo, por ano, cerca de um milhão e duzentas mil pessoas morrem em resultado de acidentes de viação, deixando sequelas em muitos outros milhões.

Ou seja, toda a evolução e prosperidade que a ciência e a investigação médica proporcionaram às nossas sociedades, prolongando a esperança média de vida de cada homem e de cada mulher de forma significativa, muitas vezes são contrariadas pelas atitudes de cada um nas estradas e na adoção, ou não, de comportamentos que provocam acidentes rodoviários.

Portugal está inserido no espaço económico, social e político do mundo que consegue obter melhores índices de sinistralidade rodoviária. Apesar disso, números divulgados recentemente pela Comissão Europeia dão-nos conta que em toda a União Europeia, por dia, morre mais de uma centena de pessoas por força de acidentes rodoviários.

Na verdade, nas últimas décadas, a Europa foi um espaço de desenvolvimento económico e social que permitiu uma progressiva melhoria das condições de vida aos seus cidadãos com o acesso a bens que há pouco mais de cinquenta anos eram inacessíveis à esmagadora maioria dos seus habitantes.

Por outro lado, o fenómeno da globalização a que hoje assistimos de uma forma ampla, no seu início resultou sobretudo da necessidade de trocas comerciais entre os países e assentou fundamentalmente numa matriz económica.

Para que este objectivo do incremento das trocas económicas fosse plenamente atingido, foi necessário realizar um forte investimento na construção e na melhoria de vias de comunicação que encurtassem distâncias entre países e povos, e que foi bem visível no nosso país, sobretudo a partir de meados da década de 80 do século XX.

Este desenvolvimento, importante e desejável, teve necessariamente os seus efeitos colaterais, fenómeno que muitas vezes vemos definido como custos do desenvolvimento.



Na verdade, o acesso de milhões de cidadãos ao veículo automóvel, conjugado com a progressiva melhoria das vias de comunicação fruto deste desenvolvimento, proporcionou benefícios mas também custos às nossas sociedades.

Da construção de novas vias e da melhoria das já existentes, para além de uma maior proximidade e comodidade aos utentes, resultaram de igual modo efeitos contraproducentes, com o respectivo aumento da velocidade média praticada, também em resultado das melhorias tecnológicas introduzidas a nível dos veículos.

É este o desafio das nossas sociedades, a gestão do espaço e do tempo no respeito pelas regras básicas de convivência pacífica entre direitos e deveres de todos.

#### **4.2 AUTORIDADE NACIONAL SEGURANÇA RODOVIARIA**

Segundo a Autoridade Nacional Segurança Rodoviária, através do Plano Nacional de Prevenção Rodoviária, em Portugal morrem em média, por dia, em consequência de acidentes de viação, cerca de quatro pessoas e ficam feridas perto de cento e cinquenta e cinco, das quais 8,5% em estado grave. Independentemente da expressão destes números e da precária situação que traduzem em índices comparativos, mormente com os da maior parte dos países da União Europeia, a sociedade em que vivemos não pode contemporizar com a existência de um sistema de transporte, seja rodoviário ou qualquer outro, no qual se admita a ocorrência de qualquer número de vítimas e acidentes.

Com efeito, a avaliação da situação requer uma especial atenção face à sinistralidade rodoviária no nosso País. Na verdade, a frieza destes números impõem uma reflexão profunda na forma de abordagem desta problemática porquanto o seu combate, muitas vezes, traduz-se na defesa do direito à vida, da dignidade da pessoa humana e, em última análise, dos direitos do homem, já para não falar das gravíssimas consequências colaterais de índole material que daqui advêm.

Assim, atendendo quer à complexidade do fenómeno quer à diversidade de áreas de intervenção, para a prossecução eficaz de um objectivo nacional de redução sistemática



da sinistralidade rodoviária é indispensável dispor-se de um plano integrado, técnica e cientificamente fundamentado, com metas quantificadas para horizontes temporais bem definidos, como suporte das acções a empreender.

Foi com esta perspectiva que o Conselho Nacional de Segurança Rodoviária (CNSR), sob a égide da Secretaria de Estado da Administração Interna, encetou um processo conducente à elaboração do presente Plano Nacional de Prevenção Rodoviária (PNPR). Como podemos constatar, este é um tema de grande interesse público e que importa sensibilizar, desde logo os jovens, para que adotem comportamentos cívicos e respeitadores das normas ao longo da sua vida.

### **4.3 OBJETIVOS DO PROJETO**

Sendo as crianças e os jovens um dos principais grupos de risco, em termos de sinistralidade rodoviária, seja enquanto peões, seja como condutores de bicicletas, skates, trotinetes, etc. As crianças como utentes da estrada, devem ser informadas sobre como a utilizar em segurança. Para além disso, as crianças deverão agir como elemento consciencializador dos próprios adultos, lembrando-lhes as regras de segurança rodoviária. Os comportamentos adquiridos serão mais sólidos e duradouros, se tiverem início nos primeiros anos de escolaridade.

Uma ação pedagógica, realizada desde cedo, contribuirá para uma significativa redução dos acidentes rodoviários com crianças, jovens e adultos. Assim, os objetivos do projeto são os seguintes:

Educar as crianças para os desafios de prevenção, segurança e educação rodoviária aquando da sua vida adulta;

Fomentar nas crianças, atitudes de segurança e comportamentos preventivos na estrada;

Ensinar às crianças o significado dos principais sinais de trânsito e das regras essenciais para os utentes da estrada;

Disponibilizar informação sobre Segurança e Educação Rodoviária;

Consciencializar através das crianças, os pais e encarregados de educação para a problemática da Segurança e Educação Rodoviária;

Despertar o interesse das Escolas e Colégios, para futuras iniciativas similares;

#### 4.4 DESENVOLVIMENTO DOS PROJETOS

O projeto foi concebido com uma componente teórica e outra prática. A parte teórica consistia na apresentação dum filme (figura 9) como introdução ao tema. Na primeira parte do filme, aborda-se as regras e na segunda parte os sinais de trânsito. O filme pretendia despertar o interesse das crianças e jovens para a problemática da Segurança Rodoviária.

**Fig. N° 9 Capa do filme**



Fonte: Eurolândia

Na sequência do filme, foi criado um percurso, com os respetivos sinais e algumas regras básica, passando desta forma à prática, procurando que as crianças e jovens adquirissem conhecimentos e sensibilização para a importância da Segurança Rodoviária.

No final do percurso, as crianças e jovens que o conseguissem efetuar respeitando as regras e os sinais, eram premiadas com a atribuição duma carta de condução criada para o efeito.

O percurso era uma forma de as crianças reforçarem os conhecimentos, através da componente prática, consolidando o interesse despertado pelo filme inicial. Desta

forma, podemos visualizar o referido percurso através das fotografias a seguir legendadas (figuras 10 a 19):

**Fig. N° 10 Sinal de Aproximação de uma rotunda**



Fonte: Eurolândia

**Fig. N° 11 Curva Perigosa à Direita**



Fonte: Eurolândia

**Fig. N° 12 Sinal de Rotunda**



Fonte: Eurolândia

**Fig. N° 13 Sinal de STOP**



Fonte: Eurolândia

**Fig. Nº 14 Sinal de STOP**



Fonte: Eurolândia

**Fig. Nº 15 Sentido Proibido**



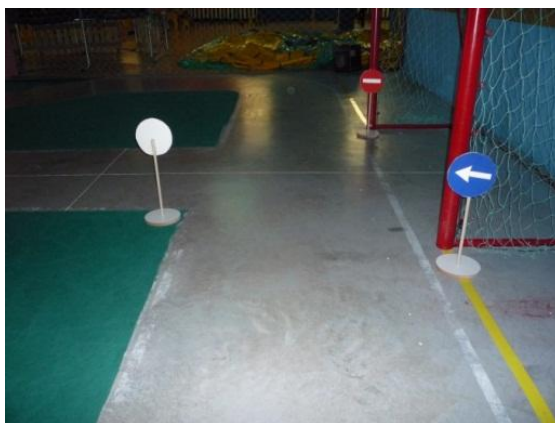
Fonte: Eurolândia

**Fig. N° 16 Curva Perigosa à Esquerda**



Fonte: Eurolândia

**Fig. N° 17 Sentido Obrigatório**



Fonte: Eurolândia

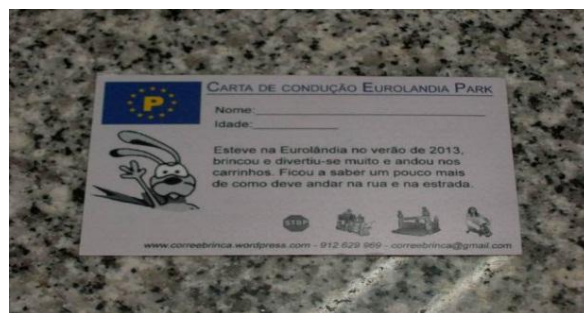


**Fig. Nº 18 Sentido Obrigatório**



Fonte: Eurolândia

**Fig. Nº 19 Carta de Condução, Fonte Eurolândia**



Fonte: Eurolândia



Além do projeto sobre a Segurança Rodoviária, também desenvolvi outro com novas atividades dirigidas às crianças e jovens na área da Expressão Plástica. Esta era uma área pouco desenvolvida na Eurolândia Park, que procurei implementar e desenvolver. Para o efeito, elaborei fichas de trabalho com simulações adequadas. Estas fichas de trabalho tinham como objetivo o desenvolvimento das crianças e estimular a sua criatividade, além de transmitir informação. Podemos visualizar no anexo I as fichas elaboradas para o efeito.

#### **4.5 RESULTADOS DOS PROJETOS**

A realização do projeto sobre Segurança Rodoviária, permitiu sensibilizar centenas de crianças, que de uma forma lúdica-educativa, adquiriram conhecimentos essenciais para a adoção de comportamentos adequados de Segurança e Educação Rodoviária, num ambiente divertido.

Este projeto também pretendia contribuir para a redução da sinistralidade rodoviária Infantil, a médio e a longo prazo, sensibilizando as crianças, bem como os pais e encarregados de educação para esta problemática e também despertar o interesse das Escolas e Colégios para futuras iniciativas similares.

Assim, a educação rodoviária é um tema de grande atualidade e existe uma consciência coletiva de que o seu sucesso resulta da vontade de todos nós. Este foi o nosso pequeno contributo.

A realização do projeto na área da Expressão Plástica, contribuiu para desenvolver novas atividades na Eurolândia Park, que tinham como objetivo o desenvolvimento das crianças e estimular a sua criatividade, além de transmitir informação.

#### **4.6 ANÁLISE CRÍTICA**

A entidade que acolheu este estágio e que me deu a oportunidade de participar nas atividades já desenvolvidas, permitiu implementar dois novos projetos, na área da Segurança Rodoviária e na área da Expressão Plástica.



Com a colaboração sempre prestável do meu Supervisor e das minhas Colegas, além da minha Orientadora, consegui ultrapassar as dificuldades iniciais perante uma nova realidade e enfrentar o desafio de implementar novos projetos. Apesar da ajuda, foi uma mais-valia a autonomia que me proporcionaram na conceção, definição dos objetivos e desenvolvimento dos projetos.

Assim, não posso ver a autonomia como falta de apoio, mas como uma responsabilização perante o que me comprometi a fazer. Esse é um dos objetivos de qualquer estágio, preparação para a atividade profissional, e nesse sentido, a autonomia de trabalho foi um fator de grande crescimento interior.

Outro aspeto muito positivo, foi as novas atividades propostas ainda não terem sido desenvolvidas na instituição com aquele público-alvo (crianças e jovens). Não houve, portanto, nenhuma barreira que dificultasse o trabalho de implementação dos projetos.

A maior dificuldade, foi sobretudo a rotação das crianças, que implica limitações na consolidação de conhecimentos e alguma insegurança da minha parte quanto às regras e sinais, por falta de domínio mais aprofundado destas matérias. No entanto, esses fatos não podem ser considerados como negativos, porque permitiram por um lado atingir outro objetivo, que era chegar ao maior número possível de crianças e jovens, e por outro lado, ajudou-me a adquirir conhecimentos que vão ser úteis para a carta de condução.

Posso assim, dividir o estágio em duas partes distintas: A primeira, onde senti algumas dificuldades de integração nas atividades já existentes, ultrapassadas com a ajuda do meu Supervisor e das minhas Colegas, e no fato de ter acumulado várias horas de estágio ao fim de semana, com deslocações da Guarda para Porto de Mós e vice-versa, além da carga horária e estudo na escola. E uma segunda parte, totalmente dedicada ao estágio, já mais integrada e onde foi possível conceber e desenvolver novos projetos e implementar novas atividades que contribuiriam para enriquecer a oferta da Eurolândia Park.



Desta forma, o feedback das crianças e jovens, assim como do meu Supervisor e das minhas Colegas, sem esquecer a minha Orientadora, foi sempre muito positivo e estimulante, sobretudo, muito gratificante.

## **CONCLUSÃO**

Citando Fernando Pessoa: “Tudo vale a pena quando a alma não é pequena”.

Esta é uma frase dum grande autor português que se aplica na perfeição ao desafio que constituiu mais esta etapa da minha formação académica. Para quem vinha da Escola Profissional de Alcobaça e reside em Porto de Mós, distrito de Leiria, muito longe da Guarda e do IPG, foi uma longa caminhada e certamente a mais difícil de ultrapassar no percurso que tenho trilhado para conseguir um dia ser Educadora de Infância. “Mas o melhor do mundo são as crianças”, como afirmou Fernando Pessoa no poema Liberdade. E pelas crianças e pela minha formação, tudo vale a pena, mesmo que a alma seja pequena.

Desta forma, este estágio que agora terminou, foi mais uma ferramenta muitíssimo importante para o meu desenvolvimento e enriquecimento pessoal e profissional, porque permitiu ter contato com o mundo organizacional em contexto de trabalho. Não consigo quantificar o contributo do estágio, mas tenho a convicção que contribuiu para o meu crescimento global em muitos aspetos. Ter contato direto com o mundo organizacional e poder aplicar alguns dos conhecimentos teóricos apreendidos ao longo do percurso escolar, será sempre a melhor forma de evoluir e consolidar aprendizagens.

Segundo Rosa, L. (1992, pp. 11-23), “a empresa apresenta-se como um todo, de cujo funcionamento global ressaltam dois aspetos principais: a sua finalidade e a sua departamentalização.” Quanto à sua departamentalização, já foi descrita em lugar apropriado, e quanto à sua finalidade, relembramos que desenvolve atividades de carácter lúdico, educacional e ocupacional, permitindo espaços de convívio e diversão.



Todavia, não nos limitámos a participar nessas atividades. Em conjunto com o meu Supervisor e Coordenador Geral da empresa e Orientadora, implementámos outras atividades de educação pessoal, cívica e social, como área transversal, procurando transmitir às crianças atitudes e valores. A área da Formação Pessoal e Social, permite desenvolver as capacidades das crianças para a resolução dos problemas da vida (sinalização, alimentação, higiene, comportamentos, entre outros), ou seja, nos contextos sociais em que vive, nas relações e interações com os outros.

No fundo, foi o que procurámos fazer, com a criação do projeto sobre Segurança Rodoviária, procurado aplicar na prática o conhecimento adquirido, transmitindo às crianças, regras, referências e valores que lhes permitam compreender o que está certo e errado, o que podem fazer, os direitos e deveres para consigo e para com os outros. Além da implementação de novas atividades através do projeto desenvolvido na área da Expressão Plástica.

Desta forma, consideramos ainda mais interessante este estágio e procurámos acrescentar valor e conhecimento a todas as atividades que desenvolvermos, contribuindo para o enriquecimento e desenvolvimento das crianças que frequentam esta organização.

As maiores dificuldades que sentimos na realização destes projetos, foram, sobretudo, a rotação das crianças e jovens, porque, na grande maioria, dificilmente os encontramos mais do que uma vez e também alguma insegurança da minha parte no domínio desta temática. Mas, como já referi, estes aspetos não são obrigatoriamente negativos, porque permitiram chegar a um público alvo (crianças, pais e escolas) mais vasto e adquirir conhecimentos que vão ser úteis para a carta de condução. Assim, o tema da Segurança Rodoviária e a Expressão Plástica, permitiram enriquecer a oferta da Eurolândia Park. Esse foi o meu modesto contributo, para o muito que recebi, do meu Supervisor, da minha Orientadora e das minhas Colegas em todas as atividades desenvolvidas com as crianças e jovens neste estágio.



Apesar de ser o meu sonho, trabalhar com crianças e jovens é uma enorme responsabilidade. Afinal, "Quando vejo uma criança, ela inspira-me dois sentimentos: ternura, pelo que é, e respeito pelo que pode vir a ser" (Luís Pasteur, França, 1822 / 1895, Biólogo).

## **BIBLIOGRAFIA**

Airès, Philippe (1978). *História Social da Criança e da família*. Rio de Janeiro: LTC.

Bernard Spodek (2010). *Manual de Investigação em Educação de Infância*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.

Rosa, J. (1992). *Sociologia de Empresa*. Lisboa: Editora Presença.

Sarmiento. M. J. (1997). *As crianças e a infância*. Braga: Instituto de Estudos da Criança, Universidade do Minho.

Vários Autores (2011). *Código da Estrada*. Vida Económica Editorial, SA.

[http://www.unicef.pt/docs/pdf\\_publicacoes/convencao\\_direitos\\_crianca2004.pdf](http://www.unicef.pt/docs/pdf_publicacoes/convencao_direitos_crianca2004.pdf),  
consultado em 31-08-2013

<http://www.cnpcjr.pt/#4>, consultado em 31-08-2013

<http://www.direitodacrianca.org.br/midiateca/legislacao>, consultado em 31-08-2013

[http://pt.wikipedia.org/wiki/Estatuto\\_da\\_Crian%C3%A7a\\_e\\_do\\_Adolescente](http://pt.wikipedia.org/wiki/Estatuto_da_Crian%C3%A7a_e_do_Adolescente),  
consultado em 31-08-2013

<http://www.rhmais.pt/Newsletter.aspx?ID=26>, 31-08-2013

[http://pt.wikipedia.org/wiki/Estatuto\\_da\\_Crian%C3%A7a\\_e\\_do\\_Adolescente](http://pt.wikipedia.org/wiki/Estatuto_da_Crian%C3%A7a_e_do_Adolescente),  
consultado em 31-08-2013

<http://correebrinca.wordpress.com/eurolandia/>, consultado em 31-08-2013



<http://psicologia.esc-joseregio.pt/wp-content/uploads/2008/10/educador-de-infancia.pdf>,  
31-08-2013

[http://www.gov-civil-lisboa.pt/inicio/areas-actuacao/prevencao-segurancarodoviaria/  
campanha-prevencao-sinistralidade-rodoviaria/](http://www.gov-civil-lisboa.pt/inicio/areas-actuacao/prevencao-segurancarodoviaria/campanha-prevencao-sinistralidade-rodoviaria/), consultado em 31-08-2013

## **ANEXO**

### **ANEXO I – FICHAS DE TRABALHO – EXPRESSÃO PLÁSTICA**